



3682

NEW

3682



536 1/2

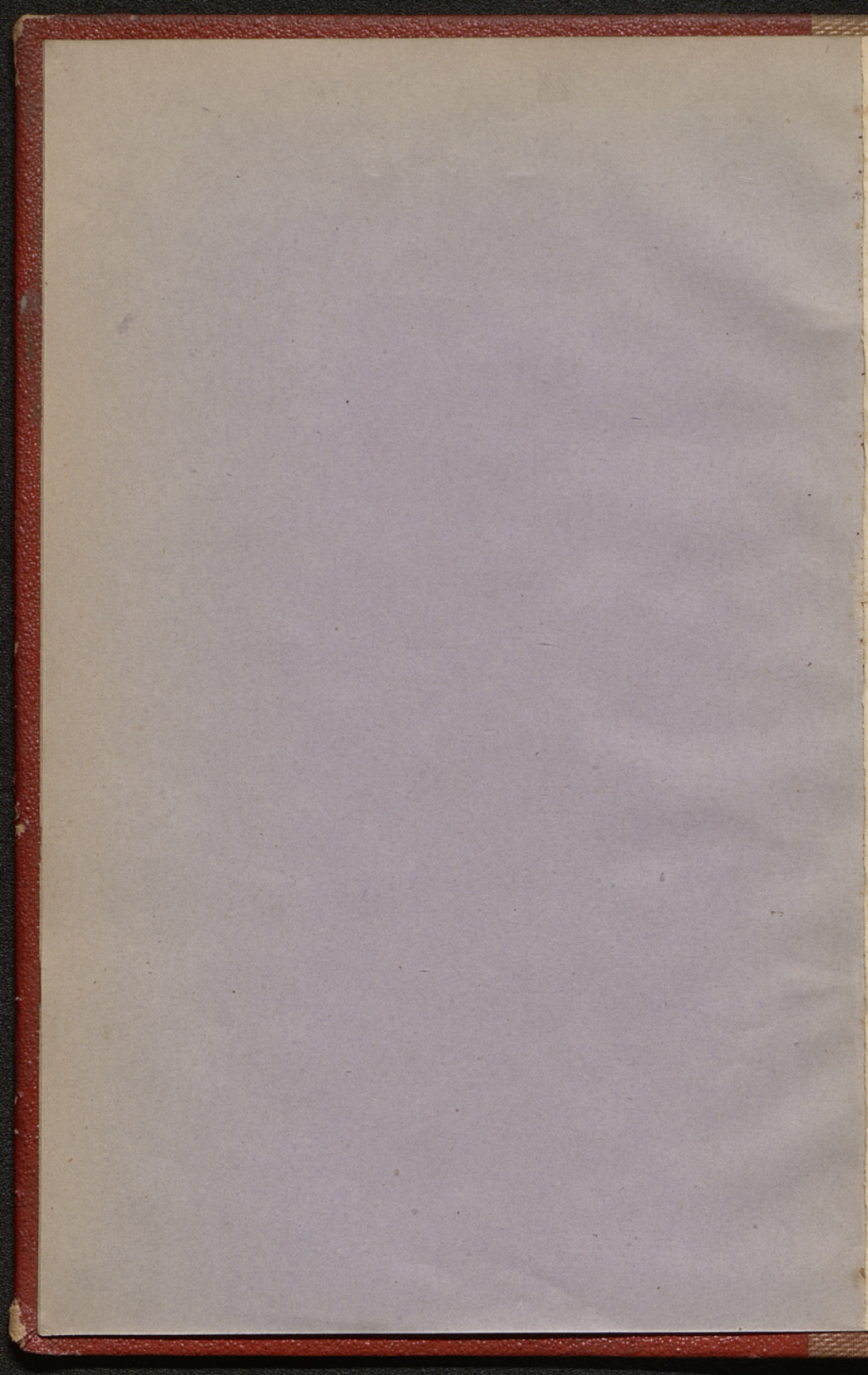


2

2

Δ 53682

Δ 53683



JOCELYN E LAURA

POESIA

DO CONSELHEIRO

DR. JOÃO CAPISTRANO BANDEIRA DE MELLO

RIO DE JANEIRO

Typ. do — GLOBO — Rua dos Ourives n. 51

—
1875

JOSEPH E. LAMAR

POTTER

TO COMMISSIONER

DR. JOHN EDWARD KENNEDY DE MELO

1881

1881

Ilm. e Exm. Sr. Conselheiro

Acabam de me revelar, esta tarde, a notavel poesia, a V. Ex. inspirada pela versão brasileira do *Jocelyn*, e a que deu o modesto nome *Impressões de leitura*.

Analogo assumpto, tratado por tres pennas: Lamartine, Cardozo de Menezes e Bandeira de Mello: o inventor primitivo; o naturalizador elegante; o juiz competente. Não dá isto a lembrar aquellas famosas trilogias da musa de Eschylo?

Quem melhor podia reproduzir em nosso idioma a Lamartine, ao poeta do sentimento, que o autor da *Harpa Gmedora*? A quem melhor cabia o admirar-os e comprehendel-os, que a Bandeira de Mello, cujos versos, repassados de uncção, revelam tambem lyra lamartineana?

Tão raras estão hoje sendo as producções dignas de apreço, em nosso mundo litterario; tão affastados andam os espiritos da cultura do verdadeiro bello, que obras desta natureza são objecto de prolfacas para a nossa litteratura.

Bem hajam os espiritos da ordem superior que buscam encaminhar os noveis por trilhos de escolha. Lamartine

IV

aprendera a ler pela Biblia; e essa direcção que uma desvelada mãe imprimira á sua alma, acompanhou-o, mais ou menos, em todas as vicissitudes de tão illustre, como accidentada vida.

Cria em Deus e cria no amor. Aquella *Elvira* mascarada em *Graziella*, bem cedo lhe arraigou praticamente no coração as tendencias para que já a sua indole o propellia. Apenas o poeta se revelou, distinguio-se logo por um dote peculiar, o da mais terna, mais penetrante, mais contagiosa melancolia. E' frequente sina dos genios saberem nascer no seu dia, e no seu se manifestou Lamartine.

Achava-se a França cansada da monotonia de duas aridas escolas poeticas, que, successoras do seculo XVIII, ainda assoberbavam os espiritos, uma secca e sem coração; outra posta em moda pelo talento de Byron, sceptica e fatal. Foi neste desamparo do sentimento, que surgiu Lamartine, annunciando a nova lei, a boa nova, e tendo talvez Chateaubriand por precursor. As suas *Meditações*, onde o joven vate de subito se remontava ás regiões ideaes, ao passo que correspondia a uma necessidade, mais sentida do que expressa, foram uma grande revelação e revolução.

Para logo, ao que parece, tumultuou no animo do magnifico innovador elevar e melhorar os seus contemporaneos, fazendo saborear idéas altas em linguagem magniloqua. Projectou, para isso, fabricar uma longa cadeia de epopéas, abraçando todas as idades da natureza, todas as phases da civilisação. Chegou a prender á origem dos tempos o primeiro anel dessa cadeia no poema das éras heroicas e primitivas, intitulado *Quêda de Um Anjo*; chegou tambem a fabricar o derradeiro elo da historia do homem, o da actualidade no poema *Jocelyn*, aliás

dado á luz antes daquelle, e sob muito mais auspicioso signo. Para os intermediarios, não se sentio com forças, coragem, ou tempo.

Jocelyn não é um poema vasado em modo algum que o precedesse; original na execução, é originalissimo na concepção e no trama. Dir-se-hia que o pensamento predominante do poeta fôra entoar um como hymno sublime á resignação, ao sacrificio da paixão, ao dever; e isto, não em momento ephemero de valor ou desanimo, mas durante uma vida inteira, do sol-nado ao poente.

Sim, isto não é poema, si é que tal nome deve exclusivamente conservar-se ás producções, em que a musa classica o circumscreveu, e a fórmula, que a esta deu Lamartine, está, de per si, denunciando que a sua obra aspirava a destinos diversos dos reservados aos vates epicos. Foi sua mente divagar pelas mais varias e até oppositas regiões: Deus e o homem, sociedade e natureza, sciencia e arte, religião e politica. Queria passar, á mercê do impulso do momento, de um a outro pólo, sem se prender ás condições da arte, ás tyrannias de um enredo, aos limites de um circulo de Popilio.

E, sem risco de censura, obteve esse *desideratum*, do modo habil e engenhoso que ideou: é um simples episodio, fragmentos dispersos, e sem ligação de umas ephemeridas despretenciosas; conversação interna de um coração comsigo mesmo; folhas soltas de um diario truncado: confidencias exclusivas de si para si, que olhos humanos não deveriam ver sem profanação, e que por isso mesmo explicam e justificam o supposto desalinho, e a falta de nexo entre idéas, sempre elevadas, mas frequentemente sem vinculo, e solutas.

O austero peristyllo do templo, o admiravel prologo do *Jocelyn* vale um poema de subidos quilates: *patuit*

VI

Dea! A sua parte descriptiva, aquelle presbyterio, aquella tristeza, que se apalpa e sente, aquelle cão, aquella Martha, tudo isto constitue um primoroso modelo, sem superior no seu genero. Nem podia deixar de ser assim, com tal penna, em tal assumpto, porquanto a musa especial de Lamartine era tambem a do Amor e Melancholia; embora as suas producções começassem como poemas, tinham forçosamente de acabar como elegia; e até quando se dirige a Deus é sempre em tom mavioso e triste: ora como se canta, canta se ora.

Por vezes remonta-se á suprema como altura da eloquencia: *profundum, altitudo*. Outras é o dialogo da egloga Virgiliana, com o mimo christão do idyllio moderno.

Agora a simplicidade como infantil, logo o transbordar da vida e da paixão. Nesse lugar, as lutas sanguinolentas da sociedade; naquelle os mais tremendos vendavaes do coração. E em meio de toda esta diversidade a unidade mais formosa, como si tudo aquillo mais não fosse que teclas de um maravilhoso instrumento, de cujos sons parciaes houvesse de resultar a mais esplendida harmonia.

E' pois um quadro de composições intimas, cheio de unção, e onde se succedem ininterruptamente as situações patheticas. Distingue-se por um senso particular do pittoresco, encarado de cima, scintillante, colorido, cheio de movimento e acção. São versos de magestosa amplitude, sem jámais descurarem a fluidez, a simplicidade e a melodia. A cada passo se ostentam bellezas inexciveis, especialmente quando o plectro fere naquella lyra as cordas da maviosa melancholia ou da ternura apaixonada.

Será perfeito este livro? São adequados á indole delle

varios dos seus episodios? Ha constante inalterabilidade no character do protagonista, que se nos obriga a admorar? São sempre impeccaveis as suas doutrinas, qualquer que seja a luz, a que se encarem?

As imagens, que ahi superabundam, serão sempre correctas, felizes, elegantes? São evidentes os corollarios philosophicos, sociaes e religiosos de muitos trechos, cujo vago deixa o espirito hesitando?

A estas e outras perguntas não saberia eu responder; só direi que a perfeição absoluta não é attributo humano; que este livro é no actual seculo um dos mais acclamados, e este autor benemerito da humanidade por muitos titulos, um dos quaes consiste em havel-a revocado do immundo becco litterario, onde se achava transviada, para a estrada larga do sentimento, alto e digno do grande e do bello.

Para que o traductor de uma obra magistral não fique esmagado sob o peso, é mister sentir tambem musculos de aço movendo-lhes as azas amplas; é mister que, um e outro, reconheçam como proprias da sua natureza a *Gruta das aguias* em pincaros de *Alpes*. Cardozo de Menezes era digno da tarefa; desempenhou-a com amor, dedicação sciencia e consciencia. Só quem abriga alma de poeta póde afinar-se pela de um Lamartine; comprehender-lhe o pensamento em suas mais reconditas fibras, transportal-o animado para idioma de condições mui diversas, conservar-lhe a limpidez, elegancia, e altiloquia, ou singeleza, e por ultimo sobredourar tudo com o já raro dom, mas inestimavel em preço, da vernaculidade; são tudo motivos proeminentes, que dão ao *Jocelyn* brasileiro um lugar conspicuo na galeria das produções importantes da nossa litteratura.

Naturaes eram, pois, as impressões de leitura, de que

VIII

V. Ex. nos dá noticia em seu cadente metro. Ha tambem grande affinidade entre o seu espirito, e o do vate das *Meditações*, como V. Ex. o provou com a sua distincta traducção da *Ischia*, e como melhor o demonstrou o sentimento, o patriotismo, o poetico devaneio, a donosa inspiração, a doce melancolia, que predominam em suas proprias poesias, tão nobremente encetadas pela que tem nome — *Lembrança da patria*, e rematadas pelas mimosas linhas, a que poz por inscripção — *A' minha mãe*. Quem abre e fecha o seu livro, com o espirito fixo nas duas mãis queridas, é digno companheiro do estro lamartiniano.

Desculpe V. Ex. a ousadia com que o meu dizer pedestre assim lhe exprime as impressões que as suas *Impressões* lhe produziram; e permitta que me subscreva de novo e com a mais elevada consideração

De V. Ex.,

Admirador, criado e obrigado.

Rio de Janeiro, 19 de Dezembro de 1875.

J. F. de Castilho.

JOCELYN E LAURA

JOSEPH H. FARRAR

JOCELYN E LAURA

IMPRESSIONES DE LEITURA

DO

JOCELYN BRAZILEIRO

AO MEU AMIGO

O ILLM. E EXM. SR. CONSELHEIRO CARDOSO DE MENEZES

Quanto me enleva o abysmo, em que te immerge,
O' Lamartine, a musa dos teus hymnos!
Praz-me vê-la scismar em doce arroubo,
Entre os sombrios véos de selva opaca!
Praz-me vê-la descer, envolta em nuvens,
A's trevas da espessura e fundos valles,
Trazendo doce balsamo ás feridas,
Em vago encanto, em gratas incertezas!

Pude teu livro ler em lusa lingua,
Suaves harmonias desferindo,
Quaes, sonoro, solta o doce plectro
De brasileira lyra, ás musas grata.
Em teus carmes, de angustia saturados,
Aprendi em silencio a amar o pranto,
E a tristeza tambem, que turva a idéa,
Qual turva o lago viração fagueira.

Nas paginas sem plano, a esmo escriptas,
Que jogára n'um canto a mão do amigo,
Mal lhe pôdes sondar a dôr infinda !
As que Martha rompeu, varrendo o sotão,
Trajam o carme teu de nevoa espessa.
Teus devaneios, Jocelyn, teus gozos,
No mysterio inda guarda a tela escura.

Entre as choréas de animado baile,
Ebrio de aromas, ao sorrir das graças,
Sentiste, Jocelyn, em doces raptos,
De teu primeiro amor a fragoa viva.
Que sonhos te hão quebrado, á noite, o somno,
Depois da walsa, descuidoso moço !
Ferio-te o coração ingenua virgem,
Roçando-te na face a desatada,
Trança subtil, e aos olhos teus abrindo,
De candura celeste ignoto enlevo !
Feliz ! se nesse pégo de incentivos,
O annuncio viras das revoltas vagas ! . . .

Teu santo, ardente amor, que então nascia,
Sob as azas de Deus procura asylo.
Rejeita Jocelyn herdadas terras,
E de bens e de amor a irmã dotando,
Como esposa a entregou de Ernesto aos braços ;
E largo o coração nadando em jubilo,
Sem olhar para traz, seguiu seu rumo.

Ah ! no supremo adeus, que tudo abrange,
Magôa a sua voz o lar saudoso ;
Sob a negra batina palpitando,

Lhe ferve o coração, *onde Deus lia...*
Lias, ó Deus, na voz, no triste gesto,
Suas ternas visões, seus meigos sonhos !

Debalde, Jocelyn, do incenso a espíra,
Entre as aras, — debalde a fé, o canto,
Te separam do mundo em ermo claustro.
Longe das naveas vôa o pensamento,
E nos labios te poua o nome caro !
Dão-te rebate ao coração ferido,
Ernesto, de tua irmã feliz esposo,
E Julia, entre seus braços enlaçada.
Ah ! vencido de amor, aos céos exclamas :
« Fui eu que a dei, é minha esta ventura !... »

Eis prorompe dos antros tenebrosos,
A discordia civil ; — derrúe, não poupa
De Deus o sacerdote, o templo, as aras.
Entre as ondas do sangue, que fluctua,
Convulso, Jocelyn esgarra o tino,
Vendo ao fogo tombar o tecto herdado.
A' voz da mãe querida, effúgio busca
Em rudes alcantis de ingreme serra,
Entre os ninhos das aguias ; — lapa escura
Aos seus dias cedeu tranquillo abrigo.
Daqui, ó Jocelyn, teu pranto acerbo,
Qual de manancial, a flux rebenta.

Que vendaval, ó Laura, te ha levado
Longe do berço, á solidões tão ermas ?
Do solar dos avós teu pai fugindo,
Nas gargantas dos Alpes se embrenhava ;
Perseguem-n'os os dragões, e moribundo,

A Jocelyn rogou de pai servisse
Ao orphão, que deixava ao seu desvelo,
Nessa gruta, oh meu Deus! na mesma selva...
Procura, afflicto, cautelosa idéa
De salvar-te a innocencia entre os bandidos,
Que infestavam, crueis, campos e serras,
E em vestes masculinas disfarçada,
De teu sexo te impôz sigillo aos labios.
Jocelyn te chamava:—oh caro Lauro!

Nos fundos rios, nos sombrios bosques,
A' caça, á pesca Jocelyn convida,
O menino d'outr'ora, hoje mancebo,
De suas excursões, assiduo socio.
Já presto, em talabarte gracioso,
Lhe prende aos lindos, delicados hombros
A ligeira escopêta. Ah! triste Laura!
Que de prantos te guarda a sorte iniqua!
Desatinada, vês de um Deus a sombra
Do caro amigo no gentil semblante!

Oh! Laura! Nem do pai saudade amarga,
Que em ancias te flagella o brando seio,
Nem de neve a cahir gelados flocos,
Nada te embarga o generoso impulso!
Entre os gelos e as vagas enroladas,
Teu caro Jocelyn relucta, anceia.
Accorres a salvá-o, e em tal discrimine
Rasgam-te os lindos pés acerbos tojos,
E coragem te falta em transe extremo.
Rompe-te Jocelyn, subito, a vestia,
E já te espira alento ao collo eburneo.

Não pudeste esconder (infausto dia!)
De teu seio a pulsar os lindos globos.
Absorto, Jocelyn desvenda o arcano,
E ao caro amigo já não chama «Lauro.»

Se amizade, ou se amor te anima o seio,
Ninguém o sabe, não, oh triste Laura!
Fecha, como um sepulcro, o teu mysterio,
A alma de Jocelyn em sello eterno.

Como a ventura foge aos dous amigos!
O Bispo, á guilhotina condemnado,
Quer do alumno d'outr'ora as santas preces.
Penetra Jocelyn, dos céos guiado,
Os meandros escuros da masmorra.
O Bispo a Jocelyn entrega o aprisco.
Jocelyn é pastor! E Laura!? Oh Laura!

Eil-o nos tristes ermos de Valneige.—
As almas medicando, aos céos depreca
Remedio ás dôres, que em sigillo escuta.
Ah! da propria afflicção sabendo o amargo,
Se as virtudes anima, as quédas chora.
Perlustrando a campina apóz a ovelha,
Que, perdida da grei, ficou balando,
Em seu caminho vê, de luxo e galas
Esplendido palacio, e em ledó grupo
Formosa dama, de walsar exhausta,
A mancebos sorrindo em louca orgia.
Seus gestos e feições divisa!... e chora...

Ah! quem lhe devassara o denso arcano
Do coração, lá vira o fundo sulco
De seu pristino amor, velado em risos!

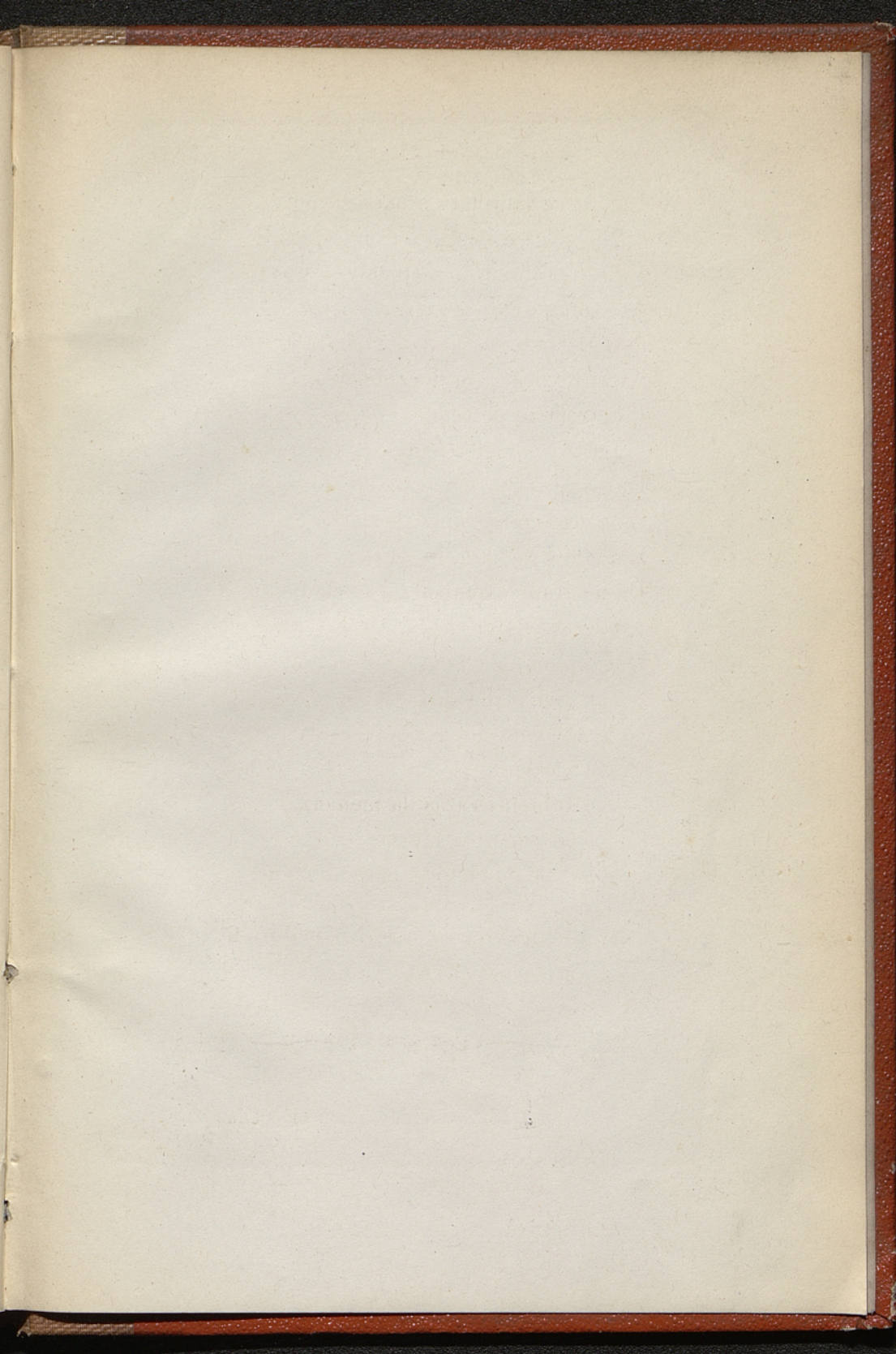
Lá vira radiante, occulta imagem,
No gremio das paixões, travar-lhe os gozos,
E a vida d'alma lhe guardar tão pura,
Como a chamma do altar, a Deos accesa!

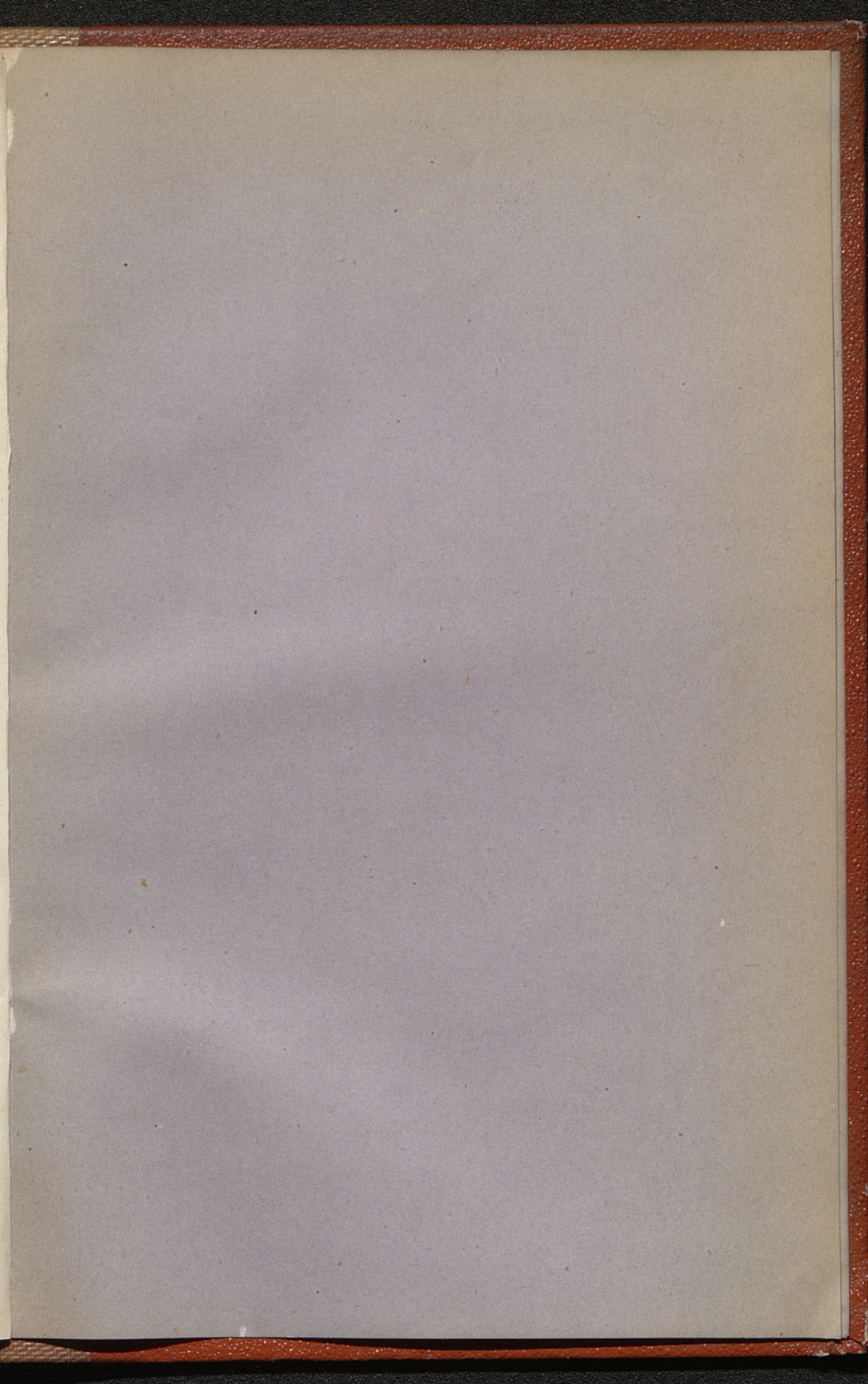
Após annos, curtida em longas dôres,
O pão celestial, em pobre leito,
Supplica do pastor mulher enferma,
Que, tranzida de fé, os céos anhela.
A's suas plantas acurvada, a triste,
Lamenta, sequiosa de repouso,
Os dias dissipados,—não o tempo,
Em que, meiga, librou toda a ventura
Em te amar, Jocelyn, em ser amada.
Pobre Laura! Ditosa! se na gruta,
Os dias lhe cortara atroz veneno
De peçonhento verme, aos pés calcado!

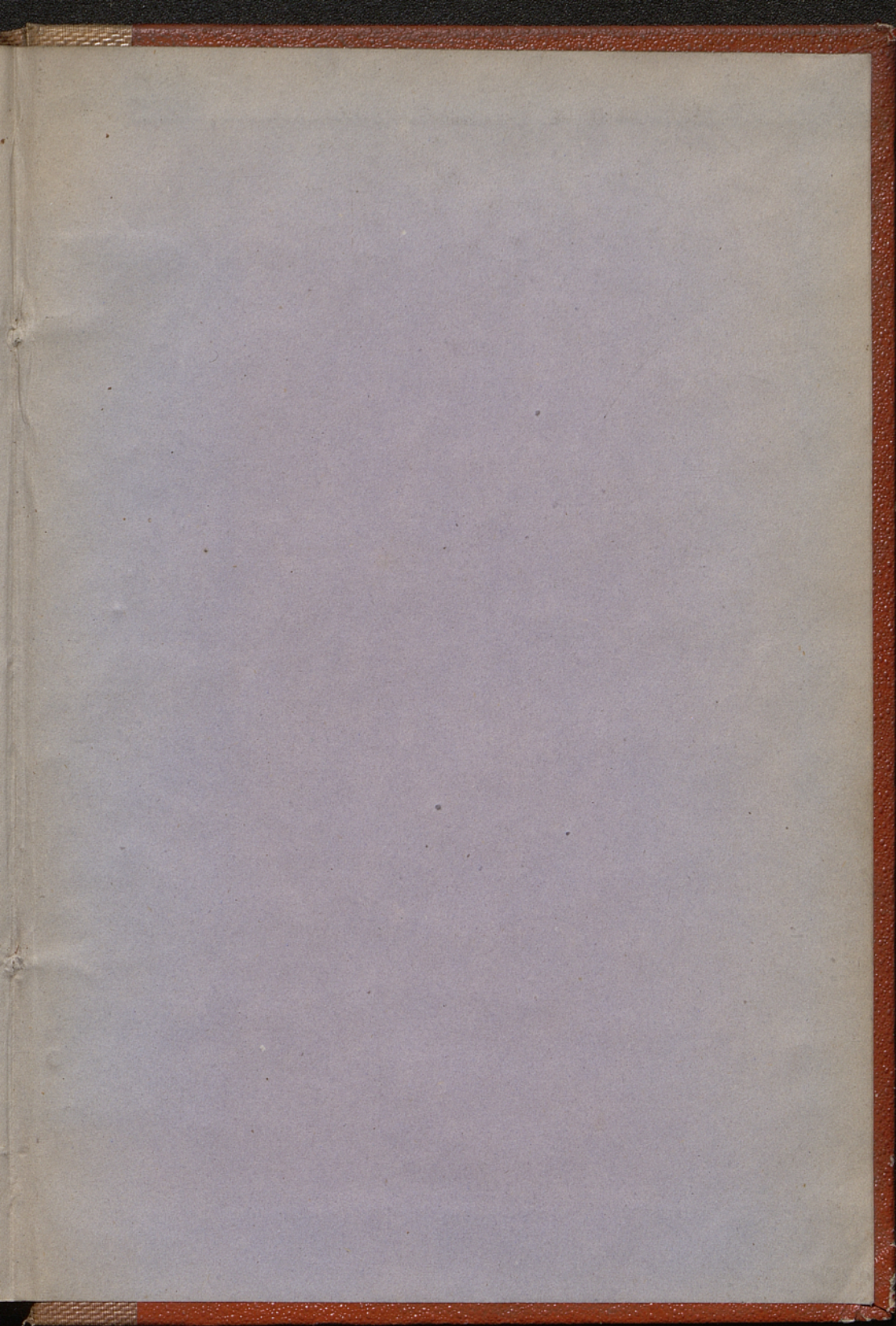
Voltára Laura ao sitio deleitoso,
Onde de tanto amor nascera a fonte;
Via de Jocelyn em tudo a sombra,
De sua voz o som buscava em tudo.
Hoje pesada lousa ali lhe esconde
O rosto divinal, fadado aos prantos!...
Sózinho um padre, consternado amigo,
Em fito a vista, o pensamento em mira,
Banha a campá de lagrimas ardentes,
E ternas orações a Deus suspira.
Do valle os echos retumbando as preces,
De Laura o nome a soluçar murmuram.

Rio, 17 de Dezembro de 1875.

J. C. BANDEIRA DE MELLO.







53

53



